

Organização do Povo da África
Ocidental
A novo Carta

Adoptado a 10 de Dezembro
de 2022 pela
Povo da África Ocidental
para uma Conferência do
Novo Mundo
Windy Bay Hotel, Winneba,
Gana

Organização do Povo da África Ocidental
Projecto de plataforma

Tabela de Conteúdos

Quem Somos	3
Crise da África Ocidental	3
A Novo Carta	4
1. Para o Anti-imperialismo, Anti-colonialismo, e Anti-neo-colonialismo	4
2. Para um Novo Constitucionalismo Democrático Regional.....	4
3. Pelo Pan-Africanismo e pelo internacionalismo.	5
4. Pela Paz	5
5. Para a Modernização da Agricultura Tradicional, Agroecologia e Cooperativa Agricultura.....	6
6. Pela Soberania dos Recursos	6
7. Para Cancelamento, Reestruturação e Regulamentação da Dívida	6
8. Para o Poder dos Trabalhadores e a Industrialização Democrática	7
9. Para a Justiça de Género	7
10. Para uma Juventude Consciente	7
11. Para uma Cultura Militante Criativa	8

Quem Somos

Somos organizações oriundas dos trabalhadores anti-imperialistas e pan-africanos, camponeses, mulheres, jovens, culturalistas, meios de comunicação, e movimentos políticos dos estados neo-coloniais da África Ocidental. Estamos a trabalhar juntos como "OPAO" para construir um novo futuro com e para o nosso povo.

Crise da África Ocidental

Durante milhares de anos, a África Ocidental participou independentemente no desenvolvimento da civilização e da cultura da humanidade. Atingimos níveis de desenvolvimento material comparáveis aos do resto da humanidade. Por exemplo, em 1236 os nossos antepassados criaram a Constituição Manden (uma das primeiras na história da humanidade) para governar os assuntos do que se tornou o Império do Mali. A nossa história mudou com o fim da era dos grandes impérios do Sahel, há 500 anos. O Imperialismo Ocidental encontrou-nos e fez recuar o nosso desenvolvimento.

A África Ocidental tem terra, água, florestas, minerais, energia e bio-recursos abundantes. Temos uma população jovem, enérgica e criativa. No entanto, somos pobres e cada vez mais pobres. Durante 500 anos, o Imperialismo subdesenvolveu a África Ocidental através do tráfico de escravos, do colonialismo e do neocolonialismo. A classe capitalista global explora-nos através de empresas transnacionais apoiadas por Estados ocidentais e instituições económicas, sociais e militares multilaterais (tais como o processo de Davos, Banco Mundial, FMI, OMC, e OTAN). As nossas elites neocoloniais locais utilizam o poder estatal para promover esta exploração estrangeira e para nos oprimir política, física, ideológica e culturalmente, enquanto pilham as nossas máquinas estatais em proveito pessoal. Perdemos 40 mil milhões de dólares da riqueza criada para o Ocidente como lucros, repatriação de capital, juros, taxas de gestão, e custos de aquisição. Provavelmente perdemos mais 20 mil milhões de dólares através de fluxos ilícitos todos os anos.

Também sofremos uma enorme desigualdade na nossa região. Da riqueza que o capitalismo deixa na África Ocidental, o mais rico (1) por cento dos nossos 425 milhões de habitantes detém mais do que os outros 99%. Na base da pirâmide socioeconómica, os africanos não podem ter acesso a nutrição, abrigo, cuidados de saúde, educação e emprego adequados. A nossa considerável população rural, especialmente as nossas mulheres, não pode aceder à terra ou ao capital necessário para a agricultura. A Região está a caminhar para uma explosão social. Elementos dentro das nossas elites políticas neo-coloniais mobilizam continuamente forças feudais e religiosas de trás para a frente para legitimar o seu domínio político. Ao fazê-lo, dão poder a estas forças para recuarem contra os avanços sociais, tais como a cidadania, a igualdade de género e a liberdade de expressão. Secções das elites estão também a armar milícias para se protegerem contra o Povo. Nos últimos 20 anos, conflitos civis de baixa intensidade, protestando contra a exploração e abuso prolongados, entrincheiraram-se e incendiaram-se com mais frequência, desestabilizando as neocolónias da África Ocidental.

Enfrentamos agora um conflito regionalizado. A causa imediata deste conflito é o declínio do neocolonialismo francês (minerais estratégicos, controlo cambial, e acordos comerciais "preferenciais" e o desespero da França para inverter esta situação. Os EUA intervieram para salvar (e absorver) a posição da França como o fez na "Indochina" após a Segunda Guerra Mundial, mergulhando aquela Região num holocausto que a humanidade nunca esquecerá. O imperialismo procura o domínio dos nossos minerais preciosos e estratégicos e a exclusão dos rivais -

particularmente a China e a Rússia. As táticas do Imperialismo na África Ocidental têm sido absolutamente imprudentes. Importaram, por exemplo, jihadistas militantes da Ásia Central para desestabilizar países "islâmicos" que anteriormente tinham resistido à sua hegemonia. Estes Militantes islâmicos atacaram a Jamahiriya Árabe Líbia na costa mediterrânica, a República Federal da Nigéria na costa atlântica e tudo o que se encontrava entre eles. Desde então, os EUA e a França aproveitaram este jihadismo para intensificar o seu envolvimento militar na Região, agravando assim exponencialmente o conflito. Os EUA e a França têm pelo menos 20 bases militares que cobrem a África Ocidental. O governo militar do Mali convidou forças de segurança privadas da Rússia a responder a esta ameaça imperialista, dando-lhe um carácter directo de "guerra fria". Os regimes neocoloniais da África Ocidental e da CEDEAO carecem de orientação, compreensão, ou imaginação para responder a este desafio, excepto em termos que defendam o Imperialismo que está no centro de todos estes problemas. A CEDEAO adoptou agora uma chamada "Iniciativa de Acra", comprometendo-se a enfrentar militarmente os regimes desonestos e a obrigar à reinstauração das elites políticas falidas e a acordos constitucionais disfuncionais em toda a sub-região. A Iniciativa de Acra envolverá um custo terrível em vidas, relações sociais, infra-estruturas, soberania. Irá aprofundar e prolongar as crises de insegurança da Região.

Durante 500 anos, o Imperialismo dividiu-nos em pequenos grupos fraccionários de regiões, colónias, estados, religiões, etnias, clãs, línguas, profissões e géneros e usou a nossa desunião para nos dominar. Devemos unir-nos como sucessores orgulhosos de Marcus Garvey, Kwame Nkrumah, Amílcar Cabral, Modibo Keita, Sekou Touré, Tomas Sankara e muitos mais. Temos de colaborar através das fronteiras neocoloniais para enfrentar juntos a pobreza, a desigualdade, a corrupção, a discriminação, o atraso e a violência. Temos de criar uma nova África Ocidental e África. O nosso primeiro desafio é afirmar os princípios sobre os quais esta nova sociedade será construída. A OPAO oferece esta Plataforma como um documento vivo que nos definirá para o mundo maior.

A Novo Carta

Posições da OPAO:

1. Para Anti-imperialismo, Anti-colonialismo, Anti-neo-colonialismo, e anti-racismo

- A OPAO luta pelo controlo democrático popular da economia mundial para que as pessoas possam construir sociedades que resolvam problemas fundamentais e satisfaçam as aspirações colectivas dos 8 mil milhões de pessoas do mundo. Acreditamos que, se a Humanidade redistribuir a nossa riqueza a partir da acumulação de lucros e da concorrência esbanjadora. Libertaríamos os recursos necessários para acabar com a fome, o desalojamento e a guerra. Poderíamos evitar uma catástrofe climática iminente, educar toda a gente, controlar as doenças, e proporcionar tempos livres que enriqueceriam a cultura.

- - A OPAO luta contra o Imperialismo - controlo económico global por uma classe minúscula de indivíduos super-ricos que trabalham através de vastas redes de empresas transnacionais para organizar toda a actividade económica em direcção ao lucro - à custa das necessidades das pessoas.
- - A OPAO luta contra o colonialismo e o neocolonialismo - a estratégia política do imperialismo para subordinar os Estados do Sul para facilitar a acumulação de lucros privados à custa das necessidades e aspirações do Povo.

2. Para um Novo Constitucionalismo Democrático Regional

- **OPAO luta pela construção de novas instituições políticas** para a sociedade da África Ocidental, incluindo quadros para a democracia popular e integração regional popular.
- **A OPAO rejeita as disposições constitucionais que nos foram impostas pelo** Reino Unido, França e Portugal na "independência". Estes arranjos (repetidamente reimpostos pelas elites neo-coloniais após golpes militares) nunca proporcionaram um quadro estável para o desenvolvimento na África Ocidental. São um exemplo institucional das táticas de dividir para reinar que centralizaram o poder no topo e permitiram que os imperialistas continuassem a pilhar. São fundamentalmente não representativos e culturalmente alienígenas. São escritos em línguas coloniais, que a maioria dos africanos ocidentais não consegue ler. Apelam apenas às elites sócio-políticas lavadas ao cérebro que servem o Imperialismo. Sem exceção, facilitaram a corrupção generalizada e arrogante e não conseguiram canalizar os conflitos sociais de forma construtiva. Inevitavelmente, têm mantido o Povo fora da política e reduzido os processos políticos nacionais a concursos sazonais entre facções da elite neo-colonial. O resultado das eleições na nossa Região não depende da superioridade das agendas de desenvolvimento e demonstrou competência. A vitória é assegurada pelo dinheiro, alianças estrangeiras, violência, manipulação da etnicidade e, religião, ou pura astúcia. Os nossos políticos não respondem de forma significativa perante nós como cidadãos. As nossas instituições não podem proporcionar direitos socioeconómicos, planeamento do desenvolvimento, resolução de disputas, ou segurança a nível regional, nacional, ou local. As nossas instituições produzem gerentes que exprimem o jargão mais recente das IFIs e "doadores" à medida que mergulham as nossas sociedades numa dívida irrecuperável e agitação social.

3. Para o Pan-Africanismo e o internacionalismo.

- A OPAO acredita no pan-africanismo e no internacionalismo. Apoiamos - uma luta global multifacetada contra o Imperialismo. A OPAO acredita que a rápida construção desta frente global requer uma coordenação estratégica das lutas dentro de espaços políticos, culturais, históricos, e geográficos próximos. Simultaneamente, requer uma coordenação entre esses espaços no sentido de uma coordenação estratégica mais extensa e, em última análise, global.
- A OPAO acredita numa maior colaboração da África Ocidental. Os povos da África Ocidental partilham uma história que remonta à aurora da civilização. A mistura das nossas lutas separadas numa única luta da África Ocidental é um primeiro passo lógico para a sub-região. Mas não termina aí. Trabalharemos com movimentos fisicamente fora da CEDEAO numa base não exclusiva (por exemplo, movimentos de países da África do Norte e Central) que partilham elementos da nossa plataforma. A OPAO é também imediata e conscientemente uma unidade de uma luta pan-africana mais vasta ao lado de movimentos e organizações anti-imperialistas noutras sub-regiões de África, incluindo a Diáspora. A OPAO é também, imediata e conscientemente, parte de uma luta global que trabalha com camaradas de outras regiões com quem partilhamos uma agenda e com quem podemos trabalhar democraticamente. A OPAO é solidária com todas as pessoas que lutam pela autodeterminação. Estamos especialmente empenhados nos países e povos da linha da frente, incluindo o povo da República Árabe Saharaui Democrática, o Arquipélago de Chagos, a República de Cuba, a República Bolivariana da Venezuela, a Martinica, Guadalupe, a Nova Caledónia, a Guiana Francesa, a República do Irão, o Estado da Palestina, e a República do Líbano.

4. Para Paz

- O OPAO opõe-se à militarização do Imperialismo do AO. Os problemas do Sahel não podem ser resolvidos pela violência imperialista ou por burocracias neo-coloniais como a CEDEAO. A sua prioridade é proteger um status quo falido e usar o medo do conflito para silenciar a dissidência em casa. A paz só virá através do diálogo e da compreensão liderada pelo cidadão comum que compreende a necessidade de mudança e as suas organizações. As contradições entre as nossas diferentes comunidades étnicas, religiosas, e linguísticas não são fundamentais. São muitas vezes alimentadas para facilitar a nossa exploração e opressão pelo Imperialismo, como é o caso. O actual conflito à escala regional é instigado e financiado pelas forças imperialistas. A OPAO exige o seguinte
- retirada completa dos combatentes estrangeiros - EUA, França, Reino Unido, Jihad e Rússia da África Ocidental e sua substituição pelas forças de manutenção da paz da África Ocidental
- o abandono da chamada iniciativa de Acra; e
- o Convocação do processo de paz de um cidadão que inclua todas as comunidades directamente afectadas pelas partes interessadas e que apresente as causas subjacentes aos conflitos, tais como a desigualdade de terras, água, e direitos culturais.

O OPAO opõe-se à "NATO global". A crescente regimentação dos países ocidentais pelos EUA e pela OTAN empurra-os para conflitos dispendiosos que servem apenas os objectivos do establishment norte-americano e da indústria imperialista de armamento. Os europeus ocidentais não têm nada a ganhar em provocar a China armada nuclear e a Rússia. O barulho do sabre da Europa poderia levar-nos involuntariamente à guerra nuclear. Apelamos a processos multilaterais para acabar com o conflito na Ucrânia e reduzir as tensões em torno de Taiwan, com base no direito internacional e nas convenções.

5. Para a Modernização da Agricultura Tradicional, Agroecologia e Agricultura Cooperativa

- A OPAO acredita que a perturbação e não o desenvolvimento da agricultura tradicional é um dos ataques mais perniciosos contra os africanos ocidentais por parte do Imperialismo. A aplicação de modelos de agronegócio com intensa extracção de solos frágeis, aplicação de químicos tóxicos, e sementes geneticamente modificadas de uso único tem sido um desastre para as nossas sociedades. Uma vez que as comunidades agrícolas auto-suficientes estão cada vez mais dependentes da produção de culturas de rendimento e são importadores líquidos de "alimentos" com pouco valor nutritivo. São trabalhadores altamente explorados em terras que, historicamente, eram suas.

- OPAO acredita que a agricultura da África Ocidental deve desenvolver-se cientificamente num modelo agroecológico que dê prioridade à produção de alimentos frescos e nutritivos para as pessoas em vez de insumos para o lucro do agronegócio. Devemos adequar a exploração à produção natural e ciclos de renovação devidamente estimulados por insumos naturais para garantir variedade e resiliência em plantas e gado ao longo de gerações.

- A OPAO acredita na modernização popular. Apoiamos reformas agrárias que colectivizem as terras aráveis e as disponibilizem a custos razoáveis e uniformes. Apoiamos empresas cooperativas agrícolas e de transformação; e apoio financeiro e tecnológico público à agricultura e à transformação de alimentos.

6. Pela Soberania dos Recursos

- **A OPAO apela a uma nova economia política de produção extractiva na nossa Região.** Desde o colapso da escravatura na Europa e nos EUA, o Imperialismo tem visitado roubos, violência, conquista, colonialismo, corrupção, golpes de Estado e guerra contra comunidades e países associados a minerais preciosos e estratégicos, madeira, petróleo e gás e pescas. O Imperialismo operou concessões ambientalmente desastrosas como enclaves de aluguer desligados de outros sectores das nossas economias nacionais com apenas o mínimo de "conteúdo local".

- **A OPAO apoia a "Visão Africana de Minas da UA" de 2009 de "... exploração transparente, equitativa e óptima dos recursos minerais para sustentar um crescimento sustentável e um desenvolvimento socioeconómico de base ampla".** A OPAO apela à adopção de políticas que tornem a exploração e o desenvolvimento dos recursos sub-superficiais parte integrante dos sectores industriais, tecnológicos, infra-estruturais, emprego, educação, e investigação nacionais e regionais. Nós próprios apelamos a uma maior gestão destes recursos. A perda a curto prazo em "eficiência

OPAO

operacional" envolvida na sua exploração isolada é mais do que compensada pelos benefícios de desenvolvimento holístico para a nossa sociedade.

7. Para Cancelamento, Reestruturação e Regulamentação da Dívida

- **O OPAO rejeita o actual sistema de gestão da dívida soberana presidido pelo FMI** porque perpetua o endividamento estrutural e a opressão. O FMI canaliza o dinheiro público para a subscrição de empréstimos internacionais especulativos e empréstimos estatais profligentes. Transfere o peso do pagamento da dívida para pessoas pobres, sem direito a voto na contratação destes empréstimos. Protege os funcionários neo-coloniais que apadrinham (e roubam) os fundos emprestados.

- O OPAO renova apela a um novo sistema de gestão da dívida soberana que possa assegurar "um tratamento atempado, duradouro, justo e equitativo em resposta a crises de dívida soberana".

8. Para os trabalhadores "Poder e industrialização democrática

- **A OPAO acredita que o Imperialismo no seu cerne se baseia na apropriação pelos capitalistas da** produção dos trabalhadores. Cada vitória que os sindicatos ganham em termos de melhores compensações, benefícios, horário de trabalho, segurança, férias, segurança no trabalho, bem-estar social e outras condições de serviço é um golpe contra o Imperialismo. Cada defesa ou avanço no direito legal à greve é um golpe para todos os oprimidos em toda a parte - especialmente o direito de realizar greves de solidariedade. A OPAO está com trabalhadores em toda a parte na prossecução destas reivindicações.
- **A OPAO acredita que os trabalhadores devem transcender o economismo e proporcionar liderança** de classe aos movimentos sociais que lutam por uma nova sociedade.
- **A OPAO ajudará ao crescimento de um movimento de** trabalhadores de toda a região consciente da classe que pode liderar os nossos esforços com formação ideológica e organizacional e trabalho em rede.

9. Para a Justiça de Género

- **A OPAO reconhece que a África Ocidental tem uma crise de relações patriarcais** de género. As mulheres são tratadas como cidadãos de segunda classe e estão completamente sub-representadas nos processos de tomada de decisão. As mulheres recebem salários desiguais e são desigualmente inseguras no mercado de trabalho. São presas mesmo nas igrejas e mesquitas e estão sujeitas a violência sistémica. E as mulheres não são adequadamente reconhecidas ou apoiadas pelo seu papel único na reprodução da sociedade.

- **A OPAO rejeita posições descontroladas, religiosas, tradicionais e pseudo-históricas que justifiquem a discriminação de género como algo natural ou mesmo ordenado.** O patriarcado é uma das formas mais antigas de exploração e repressão sistemática e existe em todas as sociedades desde a antiguidade. Existiu nas sociedades pré-coloniais. Foi cooptado e ampliado pelo Imperialismo como fonte de trabalho não

OPAO

remunerado e de divisão política que pode manter a atenção dos povos trabalhadores comuns longe do explorador.

- A OPAO acredita que a nova sociedade que procuramos é impossível sem igualdade de género. A luta contra o Imperialismo e a luta contra o patriarcado é uma luta. Todas as pessoas do nosso movimento (masculino ou feminino) devem participar.

- A OPAO está empenhada em :

o estatuto e papel iguais para as mulheres em todos os aspectos da vida social e acção afirmativa e quotas para colmatar a lacuna e permitir uma realização imediata da igualdade; o salário igual para trabalho igual; o pleno reconhecimento monetário dos serviços únicos que as mulheres prestam na reprodução da sociedade e apoio social adequado à gravidez e às funções maternas; o plena compensação monetária pelo trabalho doméstico prestado pelas chamadas "donas de casa"; o representação plena (igual) em todos os órgãos públicos de tomada de decisão.

10. Para uma Juventude Consciente

- A OPAO reconhece que a juventude da África Ocidental é alvo da alienação imperialista, da falsa consciência, e da promoção de um individualismo nojento. Muitos são compelidos a uma migração perigosa para o Ocidente, numa busca fútil de riqueza pessoal. Outros são compelidos a actividades directamente anti-sociais e violentas. Outros escapam para o álcool e as drogas. Uma geração inteira está a ser destruída, enfraquecendo a nossa capacidade como sociedade para nos erguermos de novo.

- compromete-se a reforçar a compreensão histórica da nossa juventude sobre os nossos problemas comuns, a sua militância, e o seu empenho. Disponibilizaremos o ensino dos grandes pan-africanistas em formatos de texto, áudio e vídeo nas nossas muitas línguas. Temos de desenvolver uma programação mediática e pontos de venda que possam promover esta perspectiva positiva em formatos que sejam divertidos e atraentes para os jovens. Temos de desenvolver redes de escolas populares que ajudem os jovens a desenvolver uma análise anti-imperialista e pan-africanista do mundo à sua volta.

- A OPAO compromete-se a ajudar a nossa juventude a organizar-se, a começar pela nossa juventude nos partidos políticos progressistas, sindicatos, e movimentos agrários.

11. Para uma Cultura Militante Criativa

- **- A OPAO saúda a luta diária do nosso povo pelos valores, instituições e práticas que apoiam a emancipação económica e política.** Reconhecemos que devemos realinhar a nossa cultura com os nossos objectivos e defendê-la e promovê-la. Temos de celebrar as nossas línguas, histórias, a nossa música, a nossa dança, a nossa arte, o nosso artesanato, e a nossa comida. Temos de celebrar e alimentar os cidadãos que produzem estes elementos.
- **- A OPAO rejeita a** glamorização (através dos meios de comunicação, sistemas escolares, e mensagens religiosas) das culturas decadentes dos principais centros capitalistas. O imperialismo procura apresentá-los como dinâmicos, progressivos, e "superiores" à cultura indígena.

OPAO

- - **A OPAO também rejeita as apresentações distorcidas, inventadas e propagandistas das nossas culturas pré-coloniais.** Rejeitamos a noção de que os nossos antepassados eram hostis ao conhecimento científico; passivamente subordinados às elites hereditárias; uniformemente opressores do género, e cegamente seguidores de figuras religiosas. Como parte da recuperação do nosso lugar no mundo, os africanos devem investir em projectos para redescobrir e propagar as nossas histórias.
- - **A OPAO celebra as autênticas tradições e práticas espirituais, científicas, igualitárias, e criativas dos nossos povos.** Saudamos a cultura militante que veio à tona em centenas de anos de luta contra a escravatura, o colonialismo, o neocolonialismo, e a exploração e opressão desde a independência. Chamamos os nossos criativos a liderar lutas como profetas dos tempos modernos pela emancipação do nosso povo.

Windy Bay Lodge,

WINNEBA,

10-Dezembro2022